

J. 1017

COMPRA

**Semanario illustrado  
de Sciencias, Lettras e Artes**

<p>Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA                  Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA                  Secretario da Redacção: BENTO MANTUA                  Administrador: XAVIER DA SILVA</p>	<p><b>DIRECTORES</b>                  Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL                  Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS                  Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA</p>
--	--

<p><b>REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:</b>                  C. do Jogo da Pella, 6, 2.º                  LISBOA                  Officinas d'impressão e composição                  A Liberal—R. de S. Paulo, 216</p>	<p>Sabbado 28 de Setembro de 1907</p> <p><b>CONDICÕES D'ASSIGNATURA</b>                  (Pagamento adiantado)                  SERIE DE 15 NUMEROS                  Lisboa e provincias ..... 300 rs.                  Colonias ..... 400 *                  Brazil (moeda forte) ..... 900 *</p>
---	--

# OS NOSSOS B. M.

Aos nossos prezados collegas, a quem enviamos o "Azulejos" esperamos merecer a honra da permuta agradecendo-lhes, desde já, quaesquer palavras de referencia.



A's pessoas a quem enviamos o nosso Semanario pedimos a fineza da devoluçao, caso não queiram honrar-nos com a sua assignatura.

Tem de virtudes que farte!  
 E requer regimen novo.  
 Mas seu muito amor reparte  
 Pela Esposa, Filhos, Povo!

**COSTA JUNIOR**  
Doenças dos Olhos  
R. Nova do Almada, 64, 1.º—Da 1 ás 5 da tarde

**SALVADOR VILLARINHO PEREIRA**  
Clínica Geral—Partos  
R. de S. Roque, 67, 1.º—Das 3 ás 5 da tarde  
TELEPHONE 1573

**ALBERTO FERREIRA**  
MEDICO CIRURGIÃO  
Rua Maria Andrade, 10, 2.º—D.  
Consultas das 10 ás 11

**ADELAIDE CABETTE**  
MEDICA  
**DOENÇAS UTERINAS**  
R. da Prata, 153, 2.º  
Consultas ás 2 da tarde

**A. Marques Antunes**  
ALFAYATE  
Fazendas nacionaes e estrangeiras  
Fatos á paizana e á militar  
275, Rua Augusta, 1.º D.—1.ª casa vindo do Rocio á direita.

**CINEMATOGRAFOS**  
Vendem-se e alugam-se machinas, fitas e demais pertencas. Para tratar: E. CUSTODIO.  
Rua do Bemfornoso, 110—LISBOA.

**Francisco Gonçalves dos Santos**  
TABACARIA E PAPELARIA  
Vinhos, licores e cervejas de todas as qualidades, sem augmentos de preços.  
Passagem pelos corredores dos camarotes de 1.ª ordem do Theatro do Principe Real  
RUA FERNANDES DA FONSEGA, 41  
LISBOA

**JOAQUIM REGO**  
ARMAZEM POPULAR  
*N'esta casa ha sempre grande sortimento de fazendas de seda, lã e algodão, setinetas, percales, zephires, pannos crus. Secções de retrozaria, camisaria e luvaria.*  
CAPAS PARA SENHORAS  
Preços sem competencia  
154—RUA DA PALMA—156  
LISBOA

**JULIO GOMES FERREIRA & C.ª**  
  
*Fornecedores da Casa Real*  
82—RUA DA VICTORIA—88  
Exposição permanente  
166—RUA DO OURO—170  
*Installações completas para agua, gaz e electricidade.*  
*Grande sortido de lustres em todos os generos.*

**A CONFIDENCIAL**  
Rua da Prata, 153, 2.º  
**BARBOSA & C.ª**  
Escritorio de commissões e de varios negocios de interesse publico. Empréstimos de dinheiro sobre lettras e hypothecas. O fim d'este escritorio é facilitar a economia de tudo que demande tempo, dinheiro e incommodo. Trata-se de todos os assumptos e negocios de que os pretendentes desconheçam quaes os tramites a seguir, quando não queiram incommodar-se ou, ainda, quando os seus affazeres lh' o não permittam.  
Pedir na sede do escritorio a nota dos serviços que se prestam.

**ALFAYATERIA MILITAR E PAIZANA**  
**Santos & Antunes**  
Successor MANOEL DA COSTA ANTUNES  
Fazendas nacionaes e estrangeiras  
O MELHOR SALÃO D'ALFAYATERIA  
Preços excepcionaes—Brevidade e excellente acabamento  
Direcção Technica a cargo d'um habil e conhecido contramestre  
Executam-se todas as obras respeitantes a este atelier  
**R. DE SANTA JUSTA, 93, 1.º**  
(Junto á Rua do Ouro)  
LISBOA

# Azulejos

SABBADO 28 DE SETEMBRO DE 1907

1.ª Série — N.º 2

## SUMMARIO

Chá e Torradas, por João Pacifico.

Notas scientificas : — *Chronica — Identificação pelas dedadas* (Dactyloscopia), por Xavier da Silva.

*Higiene e pathologia do vestuario*, pelo professor Souza Martins.

Aos collegas

*Mascaras illustres* (Camillo Castello Branco).

*Espiritismo — A defeza dos judeus*, conego Alves Mendes.

*Gazetilha — Ferros curtos*, por Lamparina.

*Prosa e Verso — Villancete*, por Garcia de Rezende.

*O phantasma da Alameda* (continuação), por D. Maria M. Gondomar.

*Noite fechada*, por Klétus.

*A verdadeira nobreza*, por Luiz Cebola.

*Ilusões perdidas*, por Eduardo Sarmento.

*Portugal pittoresco — Chalet Barros — Estoril*.

*P'lo caminho*, por Antonio do Sacramento Junior.

*Coisas da America*, por Klétus.

*Excursionistas*, por Marco Sire.

*Pensamentos*.

*Prato... á alemtejana*, por João Pacifico.

*Mulher*, por A. R. O.

*Vida sportiva*

*A nossa estante*

*Jogos de paciencia*

*Semana alegre*

*Variedades*

*Expediente*

*Aos nossos leitores*

*Posta restante*

*Qual é a coisa, qual é ella? — Secção charadistica.*

### Capa

B. M. — caricatura

Traquina, polka pelo dr. Fernando Padua.

# Atelier de Camisaria e Gravataria

ALFREDO MARIANNO G. DOS SANTOS

67, Rua de S. Roque, 67—LISBOA

⇒ Variado sortimento em ZEPHIRES INGLEZES ⇐  
Especialidade em enxovaes para noivos e collegiaes

Peitilhos de piquet, linhos e pannos brancos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

VARIADO SORTIDO EM ARTIGOS DE MALHA

Encarrega-se de todo o trabalho de roupa branca para homem com a maxima perfeição

assim como bordados, concertos em camisas e engommados

SEMPRE NOVIDADES EM ARTIGOS ESTRANGEIROS

IMPORTAÇÃO DIRECTA

## TABELLA DE CAMISAS E COLLARINHOS

Camisas com peito em pregas de zephir inglez, desde 700 a.....	15000 réis
Camisas com peito em pregas e com punhos de zephir inglez, desde 800 a..	15200 "
Camisas todas de zephir inglez, sem collarinho, com peito em pregas e com punhos, desde 15100 a.....	25000 "
Camisas todas de zephir inglez, com collarinho, com peito em pregas e com punhos, desde 15200 a.....	25000 "
Camisas com peito liso em bretanha de linho, desde 900 a.....	15200 "
Camisas com peito em pregas em bretanha de linho, desde 15100 a.....	15500 "
Camisas para casaca, com peito em piquet, desde 800 a.....	15600 "
Collarinhos em bretanha de linho, voltados para baixo e direitos, desde....	150 "
Collarinhos em bretanha de linho, ida e volta e de pontas, desde.....	160 "
Punhos em bretanha de linho de qualquer feitto a.....	250 "

Todos os trabalhos são executados com a maxima perfeição

# DACTYLOSCOPIA

(Identificação pelas dedadas)

THESE INAUGURAL do medico XAVIER DA SILVA

Descripção minuciosa do processo — Maneira d'obter as impressões dos dedos — Processos de classificação — Analyse do Processo Bertillon — Casos portuguezes de reconhecimento pela Dactyloscopia, etc.

Este livro que é o unico escripto em lingua portugueza sobre o systema Galton-Henry, torna-se, em virtude da nova reforma dos Postos Anthropometricos, de reconhecida vantagem e precioso auxilio para aquelles que teem de fazer identificações e lidar com impressões digitales.

A «Dactyloscopia», escripta após dois annos de estudo no Posto Anthropometrico Central de Lisboa, ensina o modo de obter as impressões dos dedos, a maneira de as classificar, arrumar e procurar no armario archivo; encerra uma critica ao systema anthropo-signaletico de Alphonse Bertillon, descreve os processos adoptados no Posto de Lisboa, etc.

Por tudo isto é um livro recommendavel aos srs. funcionarios encarregados da identificação criminal.

Livraria Nacional e Estrangeira

DE

JOSÉ ANTONIO RODRIGUES & C.<sup>A</sup>

Rua Aurea, 136, 138—LISBOA

**COMPRA**

**20 ANOS**

*Semanario illustrado  
de Sciencias, Letras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA  
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA  
Secretario da Redação: BENTO MANTUA  
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES  
Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL  
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS  
Musicos: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
C. do Jogo da Pella, 6, 2.  
LISBOA

Officinas d'impressão e composição  
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Sabbado 28 de Setembro de 1907

Condições d'assignatura  
(Pagamento adelantado)  
SERIE DE 15 NUMEROS  
Lisboa e provincias..... 300 rs.  
Colonias..... 400 \*  
Brazil (moeda forte)..... 900 \*



CHÁ

## E TORRADAS

Entre as mais extraordinarias das invenções modernas, occupa lugar proeminente o descanço semanal.

Apenas soube que estava em vigor este famoso invento, senti-me reviver. Eu, que sempre morri por não fazer nada, ao ler *descanço semanal*, conclui que era descanço ás semanas e zás, estendi-me ao comprido em cima d'uma *chaise-longue* e disse com os meus botões:

«Agora é que vou engordar.»

E, com as mãos cruzadas sobre o estomago, adormeci.

(Devo aqui observar, áquelles que não me conhecem, que sou um solteirão muito perto dos 70, que vivo ha muito tempo só com uma creada que passa dos 60, e me serve com todo o disvello ha mais de 30.)

No verão a cama é para mim insupportavel. Na *chaise longue*, coberto com um lençol de linho, sinto-me bem; mas d'esta vez, o somno foi agitado; tive visões atterradoras e accordei, quatorze horas depois de ter adormecido, com fome devoradora. Eram 11 horas da manhã de domingo, o primeiro em que começava a execução da nova lei.

Chamei pela creada e disse-lhe que fizesse o almoço.

- O que almoça o sr.?
- Ovos estrellados, uns tres.
- Não ha ovos, sr. Pacifico.
- Vae busca-los.

— Não se vendem hoje, é dia de descanço.

— Mas porque não os compraste hontem?

— Eu lembrei-me, mas o sr. estava a dormir tão sosegado que não me atrevi...

— Estava a dormir sosegado, hein? Essa não está má, até tive um pesadello... Mas, olha lá, visto não haver ovos vae fazer-me chá e torradas.

— Torradas faço, sim, senhor, mas o chá...

— Também não ha chá?

— Nem uma folhinha.

— Com todos os diabos, não me dirás o que hei de almoçar?

— Torradas, sr. Pacifico, torradas.

— Bem, sejam as torradas, mas olha que eu gosto d'ellas fôfas e com bastante manteiga...

— Fôfas lh'as faço eu, mas a respeito de manteiga...

— Também não ha?

— Nem um lambisco d'ella.

— Com seiscentos milheiros... Vae-te d'aqui para fora, mulher. Desampara-me, tu que és a unica culpada de eu morrer á fome. Ha quasi 24 horas que não como.

A boa serva saiu cabisbaixa e fiquei a scismar na minha esfaimada situação.

De repente atravessou-me o cerebro um raio luminoso; recordei-me que as casas de pasto não tinham descanço e, portanto, estava salvo.

Tratei de lavar-me e vestir-me á pressa e, como tinha a barba bastante crescida, fui ao barbeiro. A casa estava cheia de freguezes, mas, resignado, esperei a minha vez, que só me chegou perto da 1 hora da tarde.

Estava a barba em meio quando á porta uma voz agarotada, exclamou:

— O' seu Daniel, olhe que bateu a 1 hora e não pode continuar com o trabalho.

Mestre Daniel estremeceu, o que oc-

asionou um respeitabilissimo gilvaz na minha face direita e disse-me com voz sumida:

— O' sr. Pacifico, tenha paciencia, mas só posso continuar amanhã...

— Você está doído! Então eu posso lá ir para a rua com a barba meia feita?

— E' lei, sr. Pacifico, é lei e a multa é pesadita.

Dei um encontrão no homem e tirando a espuma de sabão que me enchia a cara, fui direito á casa de pasto mais proxima, com a face esquerda tapada com o lenço para evitar as vaias dos que passavam e podiam notar a bonita figura em que eu ia.

Apenas tinha entrado um dos creados veio perguntar-me o que queria.

— Meio bife com batatas, chá preto e torradas.

— E vinho?

— Collares; meia garrafa.

Cinco minutos depois estava servido e tive então que destapar o rosto semi-barbeado.

O creado olhou para mim e, sem se poder conter, desatou a rir.

— De que se ri você?

— O sr. tem a barba meia feita...

— E a outra meia por fazer, não é verdade, seu bruto?!

— Bruto é o sr.!

— Você é atrevido!

— E o sr. um insolente muito mal creado.

Eu que já estava em ponto de rebuçado não pude conter-me e dei com o bife nas ventas do pobre diabo.

Engalfinhamo-nos.

Acudiram os outros creados, os freguezes, e, o que foi peor, um policia que, por fatalidade, estava espreitando, á porta, o que se passava.

Acabei o dia no juizo d'instrucção criminal; só alli o trabalho é constante, o descanço semanal um mytho!

JOÃO PACIFICO



## NOTAS SCIENTIFICAS

CHRONICA

## Identificação pelas dedadas

(Dactyloscopia)

**D**esde que na terra appareceram os dois primeiros homens, começou a existencia d'um criminoso e de uma victima nasceu portanto a necessidade da identificação. Bem verdadeiro foi Coutagne quando nos disse que o assumpto d'identidade dominou em todos os tempos a instrução criminal, visto como, houve sempre a preocupação de encontrar em cada individuo um certo numero de caracteres ou signaes physicos, pelos quaes se podesse distinguir de todos os outros, isto é, por meio dos quaes se podesse identificar.

Todas as nações legislaram; em todas ellas tem vindo á luz processos mais ou menos complicados, de maior ou menor concepção artistica, mais ou menos dispendiosos, mas todos falliveis no seu modo d'emprego ou perante a astucia do delinquente, que, digamos em abono da verdade, nada fica a dever em habilidade aos inventores dos diversos methodos.



Fig. 1

Como preciosidades historicas referirei de passagem, entre outros o de Legraud du Saule, fundado, nos signaes physiologicos, pathologicos e accidentaes, o de Capdeville, baseado na desigualdade dos globos oculares. Mas a identificação descriptiva com que o nosso paiz tão ridiculamente ainda se ufana em tantos casos judiciaes e militares, apresentando as feições sob o rotulo de regulares, leva o menos perspicaz a concluir a deficiência do methodo ou a extraordinaria equaldade das feições de todos os homens, que são sempre apontadas como regulares.

Mais conforme com as exigencias, pretende a França preencher esta lacuna, reformando os anteriores, e dando nos um methodo d'identificação por meio de medidas exactas ou seja o anthropo — signaleptico de Alphonse Bertillon, apresentado em 1883 na Exposição Internacional d'Amsterdam.

E a maravilhosa incognita continuaria a presistir, attenta a imperfeição de *bertillonage*, se um velho processo, embalado e desenvolvido na India por William Herschell, não viesse resolver o problema.



Fig. 2

Acolhido com um piedoso sorriso de desdem, quando proposto ao governo inglez de então, so na segunda metade do seculo XIX consegue derruir os restantes, mercê da sua simplicidade e exactidão, sendo adoptado pela Inglaterra, Alemanha, França, Austria, Italia, Brazil, Suissa, Egypto e Republica Argentina.

Portugal, que na marcha da civilização internacional não prima pela velocidade, antes tem demonstrado soberjamente não ser paiz para grandes caminhadas, chegando sempre á méta em ultimo lugar, de braço dado com a Grecia e Turquia, accitou o a medo, direi mesmo sem grande conhecimento de causa.

Sobre elle legislou tambem. Mas as leis decretadas, mau grado seu, peccam por inuteis ou quasi inuteis, como em subsequentes artigos procurarei demonstrar.

No seculo VII já as leis de Taibo, respeitantes ao divorcio, o empregavam com bom exito. Mas, esse cavalheiro enfatuado a que alcunham de Progresso, entendeu por bem pol-o de parte. E' que os viventes d'uma determinada epocha teem sempre a paparricote do riso escarninho para os seus antepassados, julgando-se possuidores da ultima palavra da sciencia, sem quererem ver que os vindoiros, tambem, por sua vez, hão-de apodal os de idiotas e ignorantes.

Mas... o methodo que assim conseguiu engrandecer a investigação criminal é a *dactyloscopia*, arte ou sciencia que conhece o individuo pelo dedo ou, antes, estuda e interpreta as delicadas linhas que dão logar ás impressões digitaes positivas e negativas.

A pelle que fóra a palma das mãos apresenta-se atravessada por uma multidão infinita de pequenas cristas e sulcos, podendo comparar-se o seu aspecto ao d'um campo arado.

E' na cabeça dos dedos o sitio onde tudo isto é de maxima complicação e apparece mais emaranhado, não só na raça humana, mas até n'alguns outros vertebrados, com especialidade nos macacos, cujas impressões digitaes estão perfeitamente estudadas.

Pois a *dactyloscopia* (systema aperfei-

çoado e divulgado por Galton-Henry) vae buscar para a identificação as marcas d'estes pequeninos desenhos, e isto pela razão singela de que elles são perfeitamente nitidos e distinctos em cada individuo desde o sexto mez de vida intrauterina.

Analysando a minha estatistica, deparo com a observação de quinze individuos gêmeos, — oito dos quaes já descriptos na minha these do curso medico — onde a dissemelhança das figuras digitaes é flagrante, apesar da quasi perfeita equaldade de feições que notei em muitos d'elles.

Uma vez que o individuo se conhece pelo dedo — o que é até demasiado em muitos casos — e, se todos os dedos são diversos, dirão os leigos no assumpto que o systema pecca por complicado e pela multidão infinita de figuras que devem existir.

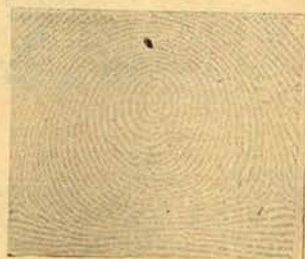


Fig. 3

Pois tal não succede: ha apenas tres desenhos typicos ou fundamentaes, o arco (fig. 1), o colchete (fig. 2) e o turbilhão (fig. 3). D'estes derivam todos os outros, em numero de meia duzia e aos quaes me referirei n'um artigo complementar.

XAVIER DA SILVA

## Hygiene e Pathologia do Vestuario



ideal na China é não trabalhar e não pensar; para não pensar o chinês toma opio, e para não trabalhar senta-se e deixa correr o marfim.

Para elle a belleza esthetica é a esphera; quanto mais gordo, mais nobre, porque menos trabalha.

Nas mulheres é preciso para serem nobres provar que não trabalham nem podem trabalhar; para isso inutilizam os pés, apertando-os em creança em pequenos estojos, de que resulta a unificação dos ossos do tarso, pelo que não se transportam, andam pelos pés das suas creadas.

Este erro é grande, mas não é physiologicamente tão prejudicial como o uso do espartilho. Ha tempos, quando eu era rapaz, o ideal era ter o pé pequeno; quem assim o não tivesse não podia entrar n'uma sala. Avaliava-se o homem, não pela região cephalica, mas pela região podal.

E' conhecida a troça que os continentes faziam aos insulares, aos inglezes, por causa dos grandes pés, das grandes patas; mas a pata do inglez tem a vantagem de ser pesada, e onde o inglez põe a pata, nunca mais a tira, é terreno conquistado.

Um individuo com uma cabelleira crescida, com um *pardessus* forrado de seda no braço, era o romantico de 1830, do tempo d' Broussais!... pois fazia tambem parte d'essa *toilette* o pé pequenino.

Havia porem um pequeno defeito no meio de tanta poesia, eram os callos, que é o que ha de mais prosaico.

Na sociedade de hoje ainda o ideal da mão é ser pequenina, a mão *soignée*, a mão que não serve para trabalhar; é um perfeito chinezismo do corpo, contudo, como se não mette dentro de estojos, ella lá vae conservando a sua forma.

Nos homens ha ainda um erro devido á falta de uso dos suspensorios. O cinto da calça aperta como uma linha, o que vicia a circulação da cavidade abdominal; observa-se n'elle tambem, mas com menos frequência, o deslocamento do rim direito.

Entretanto, não devemos exagerar; sem um leve conchego do ventre, não se faz bem a digestão, principalmente nas idades em que os tecidos são flácidos, e é preciso ajudal-os não linearmente mas em superficie; de contrario ha dilatações gástricas e modificações do diaphragma.

Ainda convem notar que o uso dos collarinhos altos sobretudo nos individuos diabeticos, pode occasionar graves doenças; o roçar do collarinho torna a pelle permeavel n'aquelle sitio, e, se elle tem aptidões exageradas, podem alli desenvolver se antrazes.

Passemos agora aos chapéus. Não fallemos dos chapéus da mulher, que são apenas um pretexto para o marido gastar dinheiro, são um mytho, não tem senso, não tem razão de ser; se quizessemos escrever um artigo sobre elles, amanhã já seria velho, porque o chapéu ja não existiria, já seria outro. Se as *vitrines* das lojas de chapéus fossem subvertidas por um cataclismo, como em Pompeia, e viessem depois os archeologos estudar as ruínas, diriam: que bichos extravagantes teriam estas pennas e bules-bules?

Afinal não uma mina para fascinar o homem, como se faz ao toiro n'uma praça com uma capa vermelha.

Sobre o chapéu ha muito a dizer: não fallemos do chapéu alto, que é a camara de ar sem renovamento; este tambem se apparece nas ruínas d'uma cidade, os archeologos, diriam lá para si: em que cylindro se enfiaria aquelle canudo?

A tendencia da hygiene de hoje é para arranjar um chapéu molle, leve, baixo e furado.

O modo de segurar as meias pelas fitas das ceroulas, ou pelas ligas, principalmente nas mulheres que as atam acima da barriga da perna ou acima do Joelho, é muito prejudicial; difficulta o refluxo de sangue pelas veias superficiaes, dando as varizes, d'onde podem vir phlebites, embolias, cujo thrombus pode ir até ao coração causando a morte.

O melhor é segurar-as aos vestidos de branco, ou ás ceroulas por meio d'um alfinete de ama.

Ainda a proposito do vestuario duas palavras apenas acerca da cama, que é o nosso vestuario nas horas de repouso, e que muito importa á saude pelas roupas e pela disposição em relação ao quarto. Este deve ser espaçoso, e ter o cubo necessario para que a respiração não seja prejudicada; deve ter 50 a 60 metros cubicos de capacidade; de contrario o ar vicia-se pela propria respiração, e fica-se n'um estado de entoxicação permanente, que dá a maior tendencia para certas doenças, principalmente para a tuberculose.

O colchão deve ser duro, para que não faça covas, e permita que a circulação se faça livremente.

A roupa, se for muito pesada, impede os movimentos da respiração, não de todo é certo, mas em todo o caso prejudica a função; tambem não deve ser leve de mais, porque então o corpo está n'uma refrigeração constante.

Das Lições de Pathologia do Professor

SOUSA MARTINS

## Aos collegas

Os nossos mais sinceros agradecimentos a todos os Ex.<sup>mos</sup> Collegas que tiveram para o *Azulejos* amaveis e immerecidas palavras de referencia, aos que annunciaram o seu apparecimento e aos que com elle permutaram.

## Mascaras illustres



Camillo Castello Branco

## ESPIRITISMO

### A DEFEZA DOS JUDEUS

Comunicação attribuida ao erudito orador sagrado que em vida se chamou

ALVES MENDES

Vimos apresentar ao espirito esclarecido dos nossos leitores mais uma bella e interessante comunicação obtida por intermedio de F. L.

Construida n'um estylo precioso, defendendo theorias inteiramente novas, vae transcripta livre d'opinões ou criticas, para que ninguém nos possa acoiar de suggestionadores.

Foi obtida em quinta-feira santa do anno que decorre e o seu exordio, que poderá parecer deslocado, julgal-o-heis perfeitamente atilado, quando vos dissermos que a defeza dos Judeus é offerecida pelo supposto auctor para um livro de comunicações espiritas que F. L. obteve e que brevemente apparecerá no mercado.

«Um ramo compõe-se de todas as flores; o arco-iris de todas as côres, a humanidade de todos os sentimentos, um edificio de todos os materiaes. Tudo é preciso. A uniformidade do conjunto dá a magestade; a harmonia das côres dá a belleza; a methodica applicação dos materiaes a solidez da obra construida.

Para a tua obra trago eu tambem o meu auxilio.

Outros melhores terás, mas nem por ser dos de menos valia deixará de ter cabimento.

Quando não tivesse outro merecimento tinha o de permittir maior realce aos que de grandioso valor já possuem e possam vir a conseguir.

Aproveito para assumpto o dia d'hoje. E' arrojado bem sei. Se é assumpto em demasia grande para quando na terra o apreciamos, minguido pela duvida, esbatido; apreciando-o d'aqui, onde o conhecemos na sua plenitude de tragedia, de injustiça e de fatalidade, então sentimento-nos infinitamente pequenos para o interpretarmos e descrevermos.

Na terra ainda podemos olhar para el-

le com o espirito vellado pela mesquinhez da nossa previsão, como podemos olhar para o sol com lunetas escuras. Mas aqui, onde a luz que irradia do facto e do seu actor principal nos offusca a razão e nos deslumbra pela intensidade maravilhosa, então sentimo-nos atonitos ao tentar fiscal e analysal-a.

Todos os actos da vida do Mestre podem ser aqui apreciados sem difficuldade, menos o que se relaciona com a tragica scena da sua crucificação.

Sentimos em nós como que repulsão de termos sido homens. Parece que alguma parcella do remorso de Judas nos punge a alma.

O seu nascimento corresponde para nós, aqui e ahí, a um cantico de paz e de amor. E' a hossana ao Salvador; é o gorgojo da ave ao Sol que rompe a treva e lhe traz o dia; o cantico do prisioneiro que recupera a liberdade; a satisfação do cégo que readquire a vista; a felicidade do doente que recobra a saude.

Desde que elle entrou na vida terrena que o nosso espirito, ao acompanhá-lo na sua peregrinação, se sente tomado de enleio, atrahido, fascinado, preso á sua extranha figura illuminada.

Pensando n'elle desde o seu nascimento, sentimo-nos commovidos e extasiados.

A gruta miserrima que lhe serviu d'alcova, as offensas dos simples, as perseguições dos fortes, a lucidez da sua intelligencia, a grandeza dos seus ensinamentos, a simplicidade da sua vida, a pureza do seu affecto, a austeridade da sua acção, a gravidade do seu porte, a santidade do seu exemplo, a abnegação da sua personalidade, o desinteresse do seu sacrificio, tudo revelado exuberantemente no seu conjunto e no detalhe de cada acto, no sentido de cada palavra, na grandeza do seu conselho, subjuga-nos.

Emquanto é elle que acciona a sua vontade e dispõe do seu querer, a sua epopeia é o que ha-de mais bello, de mais commovidamente simples e puro.

(Continua).

## GAZETILHA

### Ferros curtos

Dêmos levem o *Azulejos*  
Que, com baldas desusadas,  
Veio um dia dar-me enjeos  
A manifestar desejos  
De ter brindes em charadas.

Ha tres dias bem compridos  
Que cahí n'esta esparrela!  
Tenho os bofes derretidos  
De perguntar aos sentidos:  
Qual a coisa, qual é ella?

Já vejo que não consigo  
A decifração primeira  
E, portanto, não prosigo,  
Pois, se alguma coisa digo,  
Entra mosca ou sae asneira.

Todas são endiabradas,  
Vendo as coisas por bom prisma,  
E, após todas as maçadas,  
Conclui que, taes charadas,  
São em forma de sophisma.



## Villancete

Suspiros, cuidados  
paixões de querer,  
se tornão dobrados,  
meu bem, sem vos ver,  
não sinto prazer;  
sem vos um só dia  
viver não queria.

Não quero, nem posso,  
nem posso querer  
viver sem ser vosso  
e vosso morrer;  
pois isto ha-de ser,  
por morte haveria  
não vos ver um dia.

GARCIA DE REZENDE

## O phantasma da Alameda

A minha Mãe

Conto de D. Maria Magdalena de Gondomar

(Continuação)

Carlota obedeceu, parecendo o lavrador ficar satisfeito, mas não por completo, pois continuava examinando o viajante, porém, viu-se que essa analyse se ia tornando favorável.

— Olhe, senhor, o melhor é tirar esse capote, que está encharcado e que deve pesar como os demônios e aqueça-se que deve ter frio.

Alfredo, não esperou que o aldeão renovasse o convite, e desembaraçando-se da ampla capa que o envolvia, deixou-se cair n'uma cadeira.

Como todos o examinaram com curiosidade manifesta, façamos como elles e analizemos o moço engenheiro :

Era alto, magro, muito elegante, de porte distincto. Muito moreno, de olhos e cabellos negros, assim como o fino bigode, que sombreava uma bocca encantadora. Impunha-se logo á primeira vista, tal era o encanto que emanava d'esta physionomia verdadeiramente sympathica e attrahente.

A familia, logo reconhecera não ser um falso que tinha na sua presença.

Ao desembaraçar-se da capa, lançara para si um olhar desolado, pois a chuva repassara-o até á epiderme.

— Mas, o senhor, não pode ficar assim n'esse estado, pois arisca-se a apanhar um catarral! Olhe senhor, se não tem escrupulo, pode trocar esse fato e mais roupa, por outro do meu Manoel, deve servir-lhe, pois andam ambos pela mesma altura e são igualmente magros. Aceite que tudo é limpo, asseado e offerecido da melhor vontade.

O mancebo, não recusou e, em breve, bem enxuto, depois de ter trocado as suas roupas e calçado, pelas vestes do camponez, que lhe ficavam admiravelmente bem, chegou-se para o lume, pois tiritava com frio.

— O' Marianna, põe mais um talher na meza, que este senhor faz-nos companhia, porque deve tambem ter fome.

— Alguma, alguma, respondeu o moço engenheiro sorrindo.

A senhora Marianna, ajudada por Carlota, tirava de uma enorme árca pintada de preto, uma alvissima toalha de linho, que estendeu por sobre a meza.

A melhor loiça da casa foi tirada para servir. Estava a ceia na mesa.

— Chegue-se, senhor, venha provar das nossas sôpas; talvez lhe não agrade, mas quando a vontade aperta, que remedio sem conformarmos, disse jovial, o lavrador.

Alfredo, afirmou que jamais provara tão deliciosa sôpa, e comeu com verdadeiro appetite.

Contou durante o repasto, que tinha vindo de Lisboa, passar uns dias com a madrinha, a baroneza do Casalinho. Sahira n'aquella tarde com direcção á quinta das Urzes, distante umas cinco leguas, pertencente a uma sua tia, mas que a tempestade surprehendendo-o no caminho, o forçara a pedir agasalho na primeira casa que encontrou ao principio do povoado.

— E' então V. Ex.º o sobrinho da boa senhora da quinta das Urzes e afilhado da senhora baroneza do Casalinho?

— Sou, conhece?

— Como aos meus dedos, se sou seu rendeiro, das terras que ambos possuem cá na aldeia. Bem boas senhoras são.

E a conversa que de principio fôra um tanto reservada, generalizou-se, graças á boa companhia, a excellencia dos pratos, e aos bellos e generosos vinhos.

Alfredo asseverava que nunca ceara tão alegremente como agora e que jamais as comidas afrancezadas da capital, lhe haviam sabido como aquellas, da cosinha genuinamente portugueza.

Como bom apreciador que era logo notára a belleza de Carlota.

Realmente a pequena era bem galante; estatura regular, bem feita, busto de irreprehensíveis linhas, o peito forte a arfar sob o corpete justo... Os olhos negros e lindos; o cabelo tambem negro ondeado; a boquita pequena, pouco grossa, de labios escarlates, deixava ver ao sorrir, uma linda fiada de perolas, pequeninas e nevadas.

Ao contrario das mais raparigas do campo, a sua tcz de uma alvura deslumbrante, nunca a crestara o sol. O pae achava-a fina de mais para trabalhos rudes, por isso, nunca as suas delicadas mãosinhas se estragavam na ceifa ou na monda. Andara na escola da aldeia, até aos 14 annos, ficando depois em casa, ajudando a mãe nos trabalhos domesticos mais leves.

O lavrador por gracejo, chamava-lhe a sua rosa de tocar.

Trazia presos pelos seus lindos olhos, os melhores rapazes do sitio e até mesmo lavradores abastados, mas a gentil Carlota, a todos era esquivada.

Sejam os indiscretos e recebamos o segredo da jovem.

Fôra um dia a uma romaria e ali o seu olhar crusava-se com o de um elegante rapaz, que a fitava ardentemente...

Porém tudo não passou de um olhar e d'ahi a momentos o mancebo nem já se lembrava da galante camponeza; e a jovem voltara para a sua aldeia, mais triste, ao lembrar-se do encantador encontro.

Em breve conheceu que amava aquelle desconhecido portanto não podia dar amor a nenhum outro, amava; amava um sonho... uma visão...

Carlota ao ver entrar Alfredo, logo reconheceria n'elle o senhor da sua alma! Era elle o seu sonho... o possuidor do seu coração de virgem ingenua e tímida.

A Alfredo, a presença da joven não lhe aviára recordações.

Como se fôra possível reter na mente, a lembrança de todas as mulheres bonitas que encontrava!

— E' verdade disse subitamente o filho do titonio, voltando-se para o Alfredo, V. Ex.º devia ter passado pela Alameda do palacio!

Todos os olhares se fixaram na physionomia do interpelado.

— Na Alameda do palacio? Que palacio?

— Então V. Ex.º não sabe aonde é o solar que pertenceu ao velho conde do Freixial, perguntou o lavrador.

— Não, não sei.

— Quando se dirigio cá para a aldeia, um pedaco antes de entrar no pousado, não vio V. Ex.º um palacio já muito arruinado, com uma alameda ao lado?

— Vi, mas porque me perguntam isso?

— E não vio nada na tal alameda? interrogou Carlota que até então nada dissera, mas a curiosidade venceu o enleio, e se bem com a voz um pouco tremula sempre se atreveu a dirigir a palavra a Alfredo.

— Não, nada vi! mas o que havia de ver! Realmente com uma noite tão escura, que quasi me não deixava ver a cabeça do meu cavallo, não seria muito facil divisar outra coisa, além

das arvores açoitadas pelo vendaval, e isto mesmo, só á luz rápida dos relampados.

— Ao que V. Ex.º se atreveu!... Se soubesse, por certo que não passava por ali n'uma noite como a de hoje! disse medrosa a senhora Marianna.

— Mas porque? Que mal faz parar na Alameda ou perto d'ella? perguntou Alfredo com a curiosidade devéras espicaçada.

Foi com ar solemne e tom mysterioso, que o lavrador explicou:

— Porque, nas noites de temporal desfeito, como tem sido esta, costuma apparecer na Alameda, a alma do conde, pedindo em altos gritos, perdão ao filho, que se matou ali mesmo defronte d'elle.

A impaciencia de Alfredo estava no seu auge: — Mas que historia é essa de phantasma? Conte, senhor Antonio, pois confesso que estou com muito empenho de a saber.

(Continua.)

## Noite fechada

O sol ha muito deixára  
D'illuminar a montanha:  
A farta, loira ceára  
Têve alegria tamanha  
Por já não estar abrasada,  
Que o trigo, esbelto, peralta,  
Levanta a spiga dourada  
E réza o Crêdo em voz alta.

Do mar á terra saltando  
A brisa corre e ditosa  
Vae p'los campos osculando  
A bonina, o cravo, a rosa.  
Tangem na proxima igrêja  
Ave Marias, no val'  
Um rebanho rumorêja  
Recolhendo-se ao curral.

Os segadores, á lareira,  
Da granja, vão-se aquecendo  
E môças de côr trigueira  
Repartem sôpa fervendo.  
Velhótas, que foram novas,  
Conchegaditas ao lar,  
As jovens contam, em trovas,  
A guerra peninsular.

Um cão, no pátio deitado,  
Olha a casa com amor,  
'Sp'rando o quinhão desejado  
Nas sôpas do lavrador.  
A mãe, com seu pobre manto,  
O filho abáfa no berço,  
A triste avó, a um canto,  
Passa as contas, réza o terço.

E' muda a doce colmeia,  
Dormitam os rouxinões,  
O priór, papada a ceia,  
Recolhe a val' de lençoes.  
A lua polvilha as cousas  
De tenue luz prateada,  
Os môchos piam nas lousas.

Na terra é noite fechada.

KLÉTUS.

## A verdadeira nobreza

A verdadeira nobreza  
Não é a do nascimento,  
Mas a que tem fundamento  
De riquissima pureza  
No trabalho e na virtude.  
E' por isso que o atitude  
D'um morto que foi honrado,  
Honesto e trabalhador,  
Apezar de sepultado,  
Irradia luz e amor

LUIZ CEBOLA.



## ILLUSÕES PERDIDAS

«Les pensées ne sont pas toujours comprises cependant l'expérience dans la vie réelle c'est le guide d'une résultante».

ZIRAM

**E**ra uma nevosa tarde do mez de dezembro.

O frio era intenso e uma quantidade de neve annunciava que o inverno seria rigoroso.

Dir-se-hia que a relva formava um tapete, e que os flocos de neve que se desprendiam d'essa atmosphera cõr de chumbo a tornavam mais fresca e viçosa.

— Além, abundantes planícies, ainda na sua mór parte inundadas pelas aguas pluviaes, consentiam a vista de umas casitas pintadas de branco, de construcção mui pobre, sujeitas, por isso, aos caprichos do vento forte que n'esta quadra soprava rijamente, pondo em constantes sobresaltos os habitantes da aldeia da Vermoeira.

Fica esta aldeia situada na margem esquerda do ribeiro da Torrinha que corre no sopé da serra do Cipre, em cujo cume se eleva uma pequena fortaleza, hoje bastante damnificada e abandonada, e, que fazia parte das antigas linhas de Torres Vedras, celebres pelo papel que representaram na epoca da invasão franceza.

E' cercada por ferteis vinhedos e frondosos pinhaes, que se estendem pela encosta da serra.

D'esta aldeia, vê-se, não longe, serpentear por entre o famoso arvoredado a estrada real que de Lisboa nos conduz a Torres.

Vivia n'esta aldeia um casal que, pelo seu lidar constante, pelo seu viver harmonioso captava as sympathias de todos os habitantes.

Não havia outro que os equalasse! D'esse matrimonio concedeu-lhes o Creador um filho que trouxe ao lar conjugal maior alegria, mais santa união!

Essa creança, fructo do verdadeiro amor, vivo retrato de seu pae, — esperanza do mesmo, crescia, creava sob a sua tutela os mesmos costumes, e, eguaes dotes de bondade de que sua mãe até então era possuidora!

Em breve crescendo, tornou-se o nosso Marcello, — assim se chamava — a admiração do povo da sua aldeia. Immensamente humilde, seu caracter, porém, — caracter que o tornava activo, — era honradissimo, consentindo que os seus debeis braços resistissem a todos os

impulsos e aos embates da vida para assim, (dizia elle) á força de trabalhos conseguir um logar aqui ou acolá, onde merecesse o seu valor e a sua dedicação.

As raparigas disputavam-n'o, e, elle cheio de brandura acolhi as, brincava, nunca porém uma phrase, um protesto; emfim, uma declaração d'amôr!

Havia n'esta mesma aldeia uma rapariga de 15 para 16 annos de idade, orphã de mãe e que se empregava com seu pae, que a estremecia, nos trabalhos de campo.

Filha unica era amimada, e o pae ambicioso — levado talvez pelo affecto que

uma festa, onde se reuniam todos os rapazes e raparigas, cujas idades não eram inferiores á da pobre Joanna, e, que se entretinham dançando e cantando, procurando sempre, n'aquelle que mais conviesse, o eleito do seu coração.

Joanninha da Aldeia, porém, nunca partilhava d'essas alegrias, devido ao genio de seu pae. — Obras do Destino Supremo. N'este anno as raparigas suas amigas reuniram-se, e, resolveram ir pedir o devido consentimento ao pae, para a apresentarem na festa annual.

«Era immensa a alegria que reinava n'aquelles corações!»

Puzeram-se em marcha, entoando sempre aquellas bellas trovas em uso na Aldeia.

Já perto da habitação um gemido solto de creança prendeu lhes a attenção! Olharam-se, e, aquella alegria propria da mocidade, não tardou a desaparecer como rôlos de fumo na atmosphera!

Que serie de pensamentos!...

O sino da Ermida, acabava de ouvir-se .....

— «O que será? O que teria succedido á pobre Joanna, acudiram todos n'uma vóz sumida!?!.....»

Approximam-se da porta; correm á unica janella da humilde casita, e, ahi todos de ouvido á escuta, procuram saber a verdade.

«Era a Joanninha que jazia no solo, na forma costumada, evocando o nome de sua bõa mãe!.....»

Ella lá estava com os seus olhos queimados pelo derramamento constante de lagrimas! Sim! Chorava copiosamente!!

(Continúa). EDUARDO SARMENTO



### “P'lo caminho”...

N'um anno já remoto alguém mandou plantar uma sombria cruz á beira d'uma estrada; e no seu braço forte os corvos veem pousar de bico ensanguentado e de aza avelludada.

Ha sempre junto á cruz um velho a mendigar, de rosto embrutecido e de alma esphacelada; e quando perto d'ella, o velho vê passar o nobre descoberto, a multidão curvada,

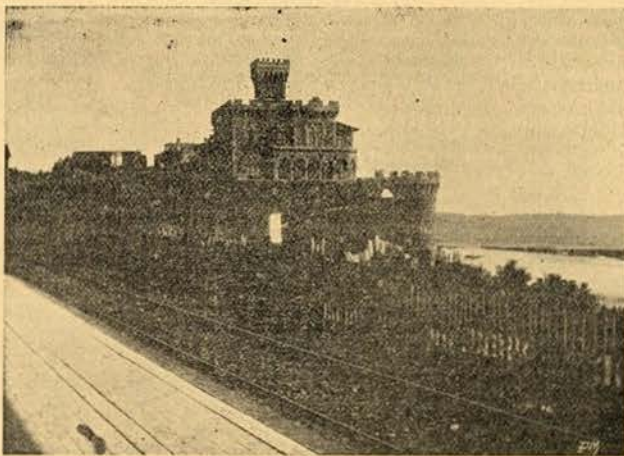
o guerrilheiro audaz sorrindo ao vasto ethérico, o rosto em pó banhado e d'olhar que reluz (como se fõra a espada a chave d'um imperio)

ergue os olhos tambem a procurar na cruz um raio que illumine a sombra do mysterio! mas desce ao longe o sol e vae fugindo a luz..

Lx.º 9 de Setembro 1907

ANTONIO DO SACRAMENTO JUNIOR

## Portugal pittoresco



CHALET BARROS — ESTORIL

Photographia do Ex.º Sr. João Maria Lopes

Os AZULEJOS publicam todas as photographias nitidas e perfectas de pontos interessantes do paiz, que lhes sejam enviadas pelos seus estimaveis leitores.

lhe dedicava — sonhava para ella um marido rico, que lhe podesse dar todos os atavios e o offerecimento de todas as regalias, sonhos estes, que inumeras vezes não trazem a felicidade ao lar conjugal!.....

Chamava-se ella Joanna, a Joanninha da Aldeia, nome porque se tornava conhecida.

E' vulgar, talvez; todavia, parecia ser um d'aquelles entes a quem o Omnipotente concede os dons que tornam a creança em mulher; a mulher esposa; a esposa em mãe exemplarissima!

O seu genio alegre por vezes mesmo despreocupado tornavam-n'a sempre querida!

O seu rosto tinha a expressão da bondade! a limpidez do seu olhar a expressão d'um sentir! — Os seus olhos brilhantes, como brilhantes são as estrellas que scintillam no firmamento em noites menos calliginosas; e, os cabellos d'ebano, ondeantes, faziam-n'a desejada!.....

Era costume haver todos os annos

## Coisas da America

E o Norte-americano continuou:

— E, sabe qual hade ser a consequencia do nosso desenvolvimento industrial e commercial? A necessidade impulsiva e poderosa de dominar tudo e todos.

Verá que dentro de seis annos, o maximo, hade rebentar a guerra entre a Alemanha e a America do Norte.

— E porque ha sêr com a Alemanha e não com...

— Eu lhe digo: em primeiro logar porque são os nossos concorrentes commerciaes mais temiveis, em seguida porque ameaçam os nossos interesses na Venezuela e ao norte do Brazil, que tentam colonisar a serião; lembre-se tambem das tentativas por parte da Alemanha para comprar as Antilhas dinamarquezas. Emfim, quando não houvesse outra razão, bastaria a seguinte: não gostamos dos alemães e a guerra que travamos com elles, lucta infalivel em minha opinião, hade ser na America do Norte, uma guerra perfectamente popular e bem aceita por toda a União.

— Não esqueça, meu amigo, que todos vimos entrar n'este pais alguns milhares d'emigrantes alemães, trabalhadores infatigaveis que se oporiam de certo á declaração de guerra por todos os modos e feitiços, visto como os seus interesses muito haviam de soffrer com esse estado de...

— Ah! Ah! Ah! Como está enganado, meu Sr.; seis meses depois de pôr o pé em terras do Novo Mundo, o alemão é mais americano que o Yankee... Não conhece esse povo... dóma-se e adapta-se com facilidade e felicidade verdadeiramente adoraveis.

Francêses, italianos, portuguezes, hespanhoes... que sei eu... conservam na America sempre os cunhos das suas nacionalidades, os proprios ingleses tem difficuldade em esquecer a patria... os alemães... são outra coisa... entorne-lhes na cabeça um pote de permanencia de seis meses na America e eil-os prontos a combater a Alemanha.

— Se as suas palavras traduzem o estado d'espírito da nação americana, porque não declaram os Srns. immediatamente guerra á Alemanha.

— Porque as nossas esquadras são por emquanto inferiores ás da armada alemã. Espere meu amigo, espere e verá. E julga que elles não conhecem os nossos intentos? Ora se conhecem. Posso garantir-lhe que no almirantado alemão está estudado e pronto o plano do cerco de New-York.

— A minha opinião é perfectamente contraria á sua; julgo até que Guilherme II prefere á conquista belicosa da America, a conquista da amizade do Dollar. Pelo menos, dá-o bem a entender. Pois não mandou aqui um irmão seu sêr padrinho d'um navio? Não lhes dá de presente uma estatua equestre de Frederico...

— Presentes, meu querido Sr.: Creia que o povo americano vê na estatua equestre um novo caralo de Troia.

— Será como quizer! Sopunhamos mesmo que roem a Alemanha até aos ossos, diga-me porém; feita a digestão do grande imperio, contra quem abrirá a America a sua bôca de papão?

— Isso agora...

— E, comido o mundo, como apaziguar o imperialista appetite da livre, da honesta, da filantropica republica Norte-americana? Devora-se a si propria, não ha que vêr.

— Perdão...

— Ouça ainda e fiquemos por aqui, as suas victorias em Cuba foram talvez um desastre para a America e uma felicidade para a Hespanha. Boa noite.

KLÉTUS.

## Excursionistas

Abordaram ao caes ao meio dia. Elle um famoso inglez de grande altura, ella, a esposa, um modelo de finura, enorme, avermelhada, loura, esguia.

De binoculo ao lado, austera e fria, caminhava a menina, que em gordura não excede a mamã e em formosura é igual ao papá que lhe sorria.

Percorrem a cidade admirando os fallados logar's que o guia ensina por entre interjeições que vão soitando;

e á tarde, tendo visto a capital, lá vão papá, mamã, mais a menina, ao five o'clock tea habitual!

MARCO SIRE

## Pensamentos

Aquelle que, sem ter de esmagar desapiedadamente os sentimentos e paixões da sua natureza, sem ter de partir a mola interior que o torna um ser vivo, consegue mitigar, moderar, ponderar ou equilibrar os impulsos do seu sangue com os dictames das suas idéas, sancionando paixões e pensamentos com a luz inextinguivel dos instinctos moraes e do senso esthetic; olhando para si proprio e para as angustias, para as dores e para as feridas da sua vida com uma commiseração vizinha do desdem; olhando para o proximo e para o mundo sem desprezo nem orgulho, mas com a ironia caridosa que se deve a todas as cousas involuntariamente inferiores; contemplando finalmente, com uma curiosidade placida e discreta o nevoeiro dos mysterios e problemas que, sondados, endoudecem e de que é mister fugir como dos abysmos cujas vertigens allucinam ou embrutecem; esse homem, por fora activo, por dentro atacado de apathico, por vezes (só por vezes) atacado de tedio, mas sabendo que não deve nem pôde aborrecer a vida: esse homem é o unico verdadeiramente feliz.

O. MARTINS.

De todos os officios o que parece não necessitar de aprendizagem é o de legislador.

HERBERT SPENCER

A mulher é a poesia de Deus; o homem a sua prosa.

NAPOLÉÃO

A calumnia é como o cavenço; quando não queima, suja.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

## Prato... à alemtejana

Ha talvez uns trinta annos, andava no Alemtejo, em trabalhos de campo, um bello rapaz, conductor das obras publicas, desembaraçado e intelligente.

Estudava-se então o traçado d'um caminho de ferro, que por signal nunca chegou a construir-se. O verão, que decorria, era dos mais ardentes.

Uma tarde, depois do sol ter desaparecido do horizonte, recolhia o conductor a um monte, onde pernoitava na casinhola d'uma boa velhota que tinha, a troco d'alguns cobres, consentido em dar pousada ao sr. engenheiro, como ella lhe chamava, e, alem de cançado, o calor tinha-o indisposto seriamente.

Não jantou e doia lhe deveras a cabeça; foi por estas razões que disse para a sua hospedeira:

— O' tia Michaela, sabe fazer chá?

— Ora essa, sei, sim senhor; mas não o tenho cá no monte e, d'aquí á villa, é mais d'uma legoa.

— Mas quem lhe falla em ir á villa? O chá tenho eu ali n'uma lata; era favor ir faze-lo e, quanto mais depressa, melhor, pois que bebi muita agua durante o dia e estou com o estomago levado da bréca.

— Então dê-me cá o chá que isso faz-se um instante.

O conductor foi abrir a mala, tirou uma lata com chá e entregou-a á tia Michaela, indo em seguida deitar-se.

Passou-se uma boa meia hora sem que a tia Michaela apparecesse com o chá, o que bastante admirou o doente a quem as dores de estomago muito importunavam.

— Então, tia Michaela, o chá?

— Já lá vae, já lá vae; está a enxugar um bocadinho.

— A enxugar?

— Sim, senhor, a enxugar; parece que lhe deitei agua de mais.

Sem perceber uma palavra do que a tia Michaela dizia, insistiu:

— Traga-m'o assim mesmo.

— Lá vae, lá vae.

Momentos depois entrava a tia Michaela no quarto do doente com um prato na mão, dizendo:

— Aqui está o chá; precisava enxugar mais alguma cousa, mas como o sr. está com pressa...

E estendendo a mão apresentava um prato cheio, com toda a apparencia d'um prato de esperregado.

— O' tia Michaela, o que foi vocemecê fazer? Valha-a Deus!

— O quê, não está bom? Eu bem lhe dizia que precisava enxugar mais um bocadinho.

O desventurado conductor riu-se e era o melhor partido que podia tomar.

A tia Michaela tinha despejado a lata do chá dentro d'um tacho e deitando-lhe um fio d'azeite e um dentinho d'alho, fizera um prato de esperregado.

JOÃO PACIFICO

## Mulher!...

Aldoça, que fôra em vida  
Senhõra d'alto cothurno,  
Morreu e foi por seu turno  
Na fria cova mettida.

E, prêsã d'um xpanto mudo,  
Em novos mundos entrada,  
Dá de cara co'a criada,  
Que morrêra p'lo entrudo.

«Joaquina, se o negro trilho  
«Já nenhum mêdo te mête  
«Vem ajudar-me a toilette  
«E apertar-me o sparilhõ.

Ouvindo-a diz Santo Antonio  
Para Santa Benedicta:  
«A tolla faz-se bonita  
P'ra ver se tenta o demonio».

A. R. O.

## Vida Sportiva

**Uma grande excursão em bicicleta. — Um desastre sucedido ao nosso director Sportivo e correspondente especial junto do Raid Hippico**

Mau grado nosso, é-nos inteiramente impossivel publicar a interessante carta que semanalmente nos envia o director sportivo do *Azulejos*, o distincto cyclista José da Costa Braga, e que tão grande enthusiasmo causou entre os afficionados, por ser a narrativa d'uma viagem de completa novidade nos annos do cyclismo de Portugal.

Como os nossos leitores decerto não ignoram, porque o acontecimento foi publicado nos jornaes diarios, Costa Braga na estrada que vae dar a S. Pedro do Sul, quando caminhava montado na sua «Velo» foi assaltado por um cão, que seguindo-o durante algum tempo, acabou por metter-se sob a roda da frente da sua machina, fazendo com que elle fosse cuspidõ a distancia.

Por infelicidade sua luxou um dos pulsoz, motivo este que o impediu de escrever-nos.

Por noticias recebidas do nosso agente sabemos que, apesar de tudo, o seu estado é relativamente bom e que Costa Braga, possuidor d'uma vontade de ferro, continua a viagem encetada.

Posto isto é muito provavel que, no proximo numero, o *Azulejos* já insira a sua correspondencia tão ansiosamente esperada.

Lamentando profundamente o desastre que acaba de soffrer, fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.

## Noticias de Sport Hippismo

Sempre no intuito de tornarmos o nosso semanario tão util e agradavel quanto possivel, dirigimo-nos ao illustre e conhecido professor d'equitação, o Ex.<sup>mo</sup> Snr. João Gagliardi, rogando a fineza de honrar as nossas columnas com um artigo sobre hippismo.

S. Ex. recebeu-nos com a captivante amabilidade que lhe é tão peculiar e prometteu satisfazer o nosso desejo.

O *Azulejos* publicará, portanto, no seu 3.<sup>o</sup> numero, de 2.<sup>a</sup> feira 7 de Outubro, um artigo sobre hippismo do eminente professor João Gagliardi.

## Sporting — Grupo Lisbõa

Este novel, mas florescente Grupo, que apenas conta pouco mais de dois mêses de existencia, promoveu um passeio fluvial a Cascaes, o qual decorreu animadissimo.

Consta-nos, este passeio, ser o inicio d'uma larga serie, que este Grupo tenciona realizar.



## A Nossa Estante

### Almanach dos Palcos e Salas

Pelo seu intelligente proprietario e editor o sr. Arnaldo Bordalo, foi-nos gentilmente offerecido um elegante exemplar para 1908, d'este interessante almanach que conta 20 annos de publicação.

De entre a grande copia de trechos de peças, comédias, monologos, cançõnetas, tercetos, coplas, contos, etc, devidos a artistas de penna ha muito consagrados, taes como: D. Alice Moderno, D. Lucinda do Carmo, D. Emilia Eduarda, Marcellino Mesquita, Maximiliano de Azevedo, Conde de Sabugosa, J. de Freitas Branco, Camara Lima e muitos outros destacam-se soberbos retratos de D. Branca de Gonta Colloca, Henrique Lopes de Mendonça, Anna Pereira e Augusto de Mello, acompanhados de justissimas biographias firmadas por Accacio de Paiva, Alfredo Mesquita, Eca Leal e Penha Coutinho.

O *Almanach dos Palcos e Salas* é pois um requintado repositório de arte, para o qual temos por dever chamar a attenção dos nossos intelligentes leitores.

Ao sr. Bordalo agradecemos a sua delicada offerta.

— *Boletim da Sociedade de Propaganda de Portugal* Recebemos os dois ultimos boletins d'esta prestante instituição.

Cheios de interesse e profusamente illustrados, muito nobilitam e enaltecem todos os esforços empregados pelos seus auctores para o levantamento d'este soberbo palminho de terra chamado Portugal.

— *O Interesse Nacional* Recebemos e muito agradecemos a visita d'este nosso collega de Braga, que recommendamos aos nossos leitores.

— *O Povo da Murtosa* Tambem quiz ter a gentileza de permutar connosco este importante semanario de Pardelhas.

Seria grave falta não lhe agradecermos as referencias amáveis e immerecidas ao *Azulejos*, bem como a espalhada propaganda que em todas as suas paginas faz a nosso respeito.

Ao nosso illustre collega aqui deixamos exarados os protestos da nossa gratidão.

## Jogos...

## de Paciencia

Todo o mundo aponta os chinezes como um symbolo da paciencia humana. E effectivamente estes curiosos representantes da raça amarella são dotados d'umas faculdades excepcionaes para o trabalho e capazes de executar obras d'arte tão infinitamente pequenas e delicadas, que ao mesmo tempo que nos maravilham, nos incitam o riso pela concepção da ideia dos auctores.

Mas, nem só no paiz do rabicho ha individuos pachorrentos, temol-os tambem por cá e possui-os todo o mundo.

O senhor Antonio da Silva, habil desenhador, acaba de provar o que fica dito, offerecendo ao nosso proprietario e director, uma estampilha feita á penna e, de taes dimensões, que só com o auxilio d'uma lupa se consegue ver a effigie d'este nosso amigo.

Em 1905, o presidente da Academia de Sciencias, de Paris, foi brindado com um grão de trigo onde estava escripto um trecho contendo 221 palavras.

Um monge polaco, no seculo XVII, escreveu a Illiada, n'um papelinho de tão pequenas dimensões, que cabia á farta n'uma casca de noz.

Não menos digna da nossa admiração é a paciencia que teve um ferreiro Mark, no seculo XVI, que offereceu a Isabel d'Inglaterra uma cadeia d'oiro, com cincoenta aneis, tão microscopica e de tal leveza, que collocada no pescoço d'uma mosca, nem sequer obstou a que ella continuasse a voar.

José Faba, no paiz de Cervantes, construiu no seculo XV, uma carroça onde só por meio de lente se lhe descobriam os bancos, pois que o vehiculo era do tamanho d'um grão de trigo.

Imaginemos agora o que estes homens produziram de importante se tivessem applicado a respectiva paciencia e força de vontade a coisas que não fossem mais do que simples inutilidades!



## Semana Alegre

- Que tal lhe parece este quadro pintado por minha filha?
- Acho detestavel. A sua filha tem algum professor de pintura de pouca fama?
- Não, senhor, pinta d'ouvido.

- Entre amigos:
- Sempre desgraças no caminho de ferro.
- O que aconteceu?
- No comboio das 4 chegou minha sogra.

- Um medico dizia para filha:
- Tua mamã vae-te dar uma coisa. Tu qual queres, um mano ou uma mana?
- Eu antes queria um burro, diz a pequenita chorando.

# VARIÉDADES

## Pasteis de nata

**B**atem-se 4 chicharas de nata de leite, com 10 gemmas de ovos, uma colher de assucar e uma casquinha de limão. Dá-se uma fervura, mexe-se e enchem-se os copos com esta massa. Levam-se ao forno e estando tostados servem-se cobertos de assucar e canella em pó.

## Coelho á caçadora

Mette-se n'uma caçarola o coelho partido aos bocados, temperando-se com bocadinhos de tocinho, cebolla, alho, salsa picada, pimenta, noz moscada, louro, vinagre, trez decilitros de vinho branco e caldo da panella ou caldo de tomates. Tapa-se a caçarola e por espaço de 2 a 3 horas deixa-se ferver a lume brando, até que esteja bem cozido. Em seguida, tempera-se com o sal, ao paladar e serve-se.

## EXPEDIENTE

Por motivos diversos a nossa administração resolveu que a publicação do *Azulejos* se fizesse ás 2.<sup>as</sup> feiras e não aos sabbados.

Prevenimos, pois os nossos leitores que o n.º 3 apparecerá na 2.<sup>a</sup> feira 7 de outubro.

### Aos nossos leitores

Recebemos n'esta redacção muitas cartas elogiosas pela orientação dada ao «*Azulejos*». Na impossibilidade de agradecermos a todos pessoalmente, aqui lhes deixamos exarado o nosso profundo reconhecimento.

Tantos encomios são demasiada amabilidade. E' nosso intuito proteger e defender os *Novos*, que a isso tem todo o direito. Para o conseguirmos contamos com a protecção dos que nos leem, e com o nosso grande esforço tendente a fazer do «*Azulejos*» um semanario variado, interessante e a mais barata das publicações que n'este genero, existem no paiz. Muito obrigados.

## POSTA RESTANTE

\*\*\* — A sua poesia *As Côres dos teus olhos* é pyramidal. Onde foi descobrir que os olhos da sua amada mudavam de cor a cada momento, como qualquer politico opportunisto? Faz bem em assignar com tres estrelinhas, mas acredite que lhe chegava uma só... na testa.

*Aquarepse, Vinicio, G. M. A.* — Vamos apreciar e... a seu tempo fallaremos.

*E. Metzger.* — A pessoa a quem se dirige, por affazeres da sua vida, deixou de fazer parte dos nossos collaboradores. Mas, querendo, publica-se quando tiver vez.

*A. Sanches* — Está servido. Entra na devida altura.

QUAL É A COISA.

QUAL É ELLA?

Afim de tornar mais interessante e proveitosa esta secção, resolvemos offerecer, no final da 1.<sup>a</sup> Serie do *Azulejos*, um valioso brinde ao decifrador do maior numero de charadas e enygmas publicados.

Para que haja direito ao brinde é condição essencial que os decifradores nos enviem, até á terça feira seguinte á respectiva publicação, a pagina d'esta secção com as decifrações claramente escriptas nos rectangulos collocados na parte inferior de cada enygma ou charada, bem como a indicação, bem legivel, do nome e morada.

Cada folha terá o seu numero de ordem e o decifrador receberá em troca uma senha com equal numero, que entrará em sorteio, no caso de haver mais d'um concorrente.

Para as que nos forem enviadas pelo correio, em vez de senha, publicaremos no jornal seguinte o respectivo numero d'ordem, o nome e morada do remetente.

### Decifradores

*Manoel de Sousa-Carnide-Todas (12) — A. E. Carvalho — Litras.*

### Decifrações do numero antecedente

*Azulejos — Gastão — Estere — Are — Descon-solo — Caligula — Rito, iris, fios, Ossa — Re-proba — Confrade, conde — Abafado — Cobaia — Sapido, Lapido.*

### Logographo

Se tomar certa bebida — 8, 2, 3.  
Com um fructo preparada — 1, 7, 10, 4, 3.  
Terá furia desusada — 7, 4, 11.  
A mulher estremecida — 3, 9, 6, 5.

Quem decifra estas piadas  
E' matador de charadas.

J. L. P. F.

### Charadas

Adorado p'los pastores  
Represento a natureza — 1  
Sou na musica apreciado  
P'la sua extrema agudeza — 1

Tenho a forma pouco airosa  
Sou tal qual um gafraão;  
Deus livre as damas formosas  
De similhante condão.

J. AVLIS

### Adicionadas

O mamífero — 2  
— go —  
E' um peixe — 3

P. E.

Almas — 2  
— r —  
Rocha — 2

REI DE SIÃO

### Enygmas

A's direitas animal,  
A's avessas o mais alto:  
Tenho apenas quatro letras,  
Ando, corro, pulo e salto.

G. B.

### Typographicos

TO

A. T.

ZA  
ME

J. L.

### De palitos



Tire seis palitos achará uma mulher.

J. L.

### Por iniciaes

Q E N M  
I 3 I 3

REI DE SIÃO.

# ARTHUR GOTTSCHALK

Engenheiro

PALACIO FOZ-LISBOA

Teleg: Magneto

Telephone n.º 821

Instalações electricas para luz e transmissão de força em cidades, fabricas, theatros, caminhos de ferro etc. etc.

## MACHINAS, APPARELHOS E LAMPADAS PARA ELECTRICIDADE

Ventoinhas electricas. Cabos aereos para telephonia e telegraphia, Pára raios, telephones, campainhas.

As installações electricas feitas nas principaes casas de luxo tanto em Lisboa como nas demais cidades do reino são feitas por esta acreditada casa.

Pedir projectos, orçamentos, plantas e conselhos technicos á casa

ARTHUR GOTTSCHALK

PALACIO FOZ-LISBOA

**BICYCLETAS INGLEZAS**  
VENDAS A PRESTAÇÕES



**CASA VELO-PORTUGAL**  
J. da COSTA DRAGA - 21 RUA MARIA, 23 LISBOA

BICYCLETAS DAS MAIS MODESTAS AS DE MAIOR LUXO POR PREÇOS RASOAVEIS  
APRECIACAO E USABILIDADE  
SPECIAL DE CHROME E ALUMINIO - PAVEL PROCTORO E ALPOVONIC - CAMPO GRANDE

### A NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR

A bicycleta ingleza, de 1.ª ordem que, sob a denominação de

### "VELO-PORTUGAL"

vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impoz-se de forma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possível.

Não ha cyclista que o ignore. Ninguém imita artigos sem reputação. O mesmo succede com as machinas "B. S. A." de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, tem centenaes de imitadores.

Quem visitar a Exposição "Velo-Portugal" heara verdadeiramente surprehendido.

Solicita-se com cordeal empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a vér mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa.

Não se constrange ninguém a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.

Na casa "Velo-Portugal" ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, soubemos guindar o nome do nosso estabelecimento.

Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:

**Bicycletes das mais modestas as de maior luxo por preços rasoaveis.**

Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montado no que respeito a ordem e economia. De resto todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.

Em qualidade e em preços fazemos tudo quanto com seriedade se pôde garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferéncia do publico.

Ha pessoas que, não vendo réclamos espalhafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.

Vendemos por menos o que as fabricas podem fornecer por menos, e nada mais.

Todos os nossos esforços convergem exclusivamente para saber dar sempre o melhor que se possa fornecer pelo preço que o freguez paga.

Bebam só a AGUA DA SERRA DO TRIGO



**SERRA DO TRIGO**  
A SOBERANA DAS AGUAS DE MEZA  
**MINERAL NATURAL**  
FURNAS-S. MIGUEL  
A MAIS PURA  
E A MAIS BARATA  
LIMPIDA, LEVE,  
DIGESTIVA BACTERIOLOGI-  
CAMENTE INSUSPEITA E  
**ESTOMACAL**

Vende-se em todos os  
bons estabelecimentos  
HÔTEIS  
E CASAS DE PASTO

**SIMÕES BAYÃO**

*Consultorio Dentario*

Doenças da bocca

Dentes artificiaes

Largo de S. Paulo, 19, 1.º

Assistencia dentaria

RUA DA VICTORIA, 60, 1.º

(Rua Augusta em frente da Casa Africana)

LISBOA

**MOTORES DE AR QUENTE**

Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. L. M. Lilly Successor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, D.-Lisboa.

**ANACLETO DE OLIVEIRA** + + + +

◆ ◆ MEDICO-CIRURGIÃO ◆ ◆

+ + + + R. S. Vicente á Guis, 22, 1.º

R. Xavier da Silva

Doenças da garganta, nariz e ouvidos

CLINICA GERAL

Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

*Grillo & Sá*

ARTIGOS DE PHOTOGRAPHIA

55—Rua Nova do Almada—57

LISBOA

**Alfredo Rebello**

CIRURGIÃO-DENTISTA

Prothese dentaria

L. do Poço do Borratem, 39, 1.º

LISBOA

# A LIBERAL

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietarios

**Palermo de Faria & C.<sup>ta</sup>**

*Trabalhos typographicos em todos os generos*

Rua de S. Paulo, 216

LISBOA

**Grandes Armazens do Globo Vermelho**

DE

*José Augusto Ventura*

Especialidade em tecidos lisos e de phantasia em lã e algodão para vestidos. Sedas, Mantilhas, Espartilhos, Sombrinhas, Leques, Lencaria de seda e de lã, Chales, Meias e Piugas em seda e algodão, Malhas, Cobertores e diversos artigos de abafó, em phantasia e liso. Zephires e Panamás.

Camisas, Ceroulas, Punhos e Collarinhos. Sobretudos, Varinos e Capas á cavallaria.

Secções de Mercador, Alfayateria, Camisaria, Fanqueiro, Modas e Confeccões.

Secção especial de artigos para luto.

Fornecedores da Caixa de Soccorros dos Empregados da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

**ALFAYATERIA DO GLOBO VERMELHO**

Rua dos Fanqueiros, 209 a 213

LISBOA

**SALÃO BRAZILEIRO**

ALFAYATERIA

**Alberto d'Oliveira & Almeida**

TELEPHONE 1361

Fazendas nacionaes e estrangeiras

O MELHOR SALÃO D'ALFAYATERIA

Preços excepcionaes — Brevidade e excellente acabamento

Direcção Technica a cargo d'um habil e conhecido contramestre

Executam-se todas as obras respeitantes a este atelier

RUA AUGUSTA, 270, 1.º

(1.º Quarteirão do lado esquerdo, vindo do Rocio)

Papeis de credito, cambios e loterias

**VIERLING & C.ª LIMITADA**

Endereço telegraphico: STERLING

NUMERO TELEPHONICO 611

41, Rua do Arsenal, 46

1, Esquina do Largo do Pelourinho, 3

LISBOA

**JANUARIO & MOURÃO**

Ouvelaria e Joalharia

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

Compra e vende joias com brilhantes, antiguidades, pratas, barras d'ouro e moedas d'ouro e prata.

**GRAVURA E FABRICA DE CARIMBOS**

Chapas em metal e ferro esmaltado para escriptorios, bancos, etc.

Numeradores, datadores, sellos, timbragem, relevo a cores, chancellas, lacres, copigraphos, tintas, bilhetes de visita e **Anéis-Sinetes** em aço, ouro e com pedra e suas gravuras.

CASA DOS BONS ARTIGOS

Adelino Lopes Pedroso

108, R. de S. Julião, 108 — LISBOA

**LOUÇAS-VIDROS-TALHERES**

QUASI DE GRAÇA

**SÓ NA CASA DAS LOUÇAS**

33, RUA DA PALMA, 35

Pedro Carlos Dias de Sousa



EXPOSIÇÃO  
DE  
**LOUÇA DAS CALDAS**  
Arte decorativa  
Artigos para brindes

**GATO PRETO**

Rua de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)

GRANDE DEPOSITO

**MOVEIS DE FERRO**

**COLCHOARIA**

**JOSÉ A. DE C. GODINHO**

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

**BRASSERIE UNIVERSELLE**

DE

*João Manuel Rodrigues*

14, R. de S. Julião (ao cantinho)

**ALMOÇOS E LUNCHS**

Cosinha esmerada

Cervejas de todas as qualidades

LICORES E VINHOS FINOS

**PREÇOS CONVIVATIVOS**

# TRAQUINA

Tempo de Polka  
 Propriedade de AZULEJOS<sup>®</sup>  
 A Fernando de Padua  
 Polka

Introdução

*f*

*p*

*B*

*ff*

*mf*

*ben marcato*

*ben marcato*

*ff*

*p subito*

*f*

*ff*

*p subito*

*Fin*

NO PROXIMO NUMERO:  
 AZULEJOS - Valsa de LUIZ ANDERMATH DA SILVA